

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – 2023

Faculdade de Ciências Sociais – Departamento de História

DISCIPLINA: OTCCII

NOME: EDUARDO MODESTO DE CARVALHO

PROFESSORA: MARIJANE LISBOA

ORIENTADOR: PROF. DR. ALBERTO LUIZ SCHNEIDER

**Lima Barreto e a questão racial: uma análise do negro na obra
Recordações do escrivo Isaiás Caminha e no conto *Clara dos Anjos***

Resumo: Este artigo tem como proposta fazer uma análise da obra de Lima Barreto *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* e do conto *Clara dos Anjos*, do mesmo autor. A perspectiva destes dois escritos tem como objetivo demonstrar como as questões raciais estão dentro da coletânea literária de Lima Barreto, tendo em vista sua vida pessoal e, sobretudo, o contexto no qual este autor está inserido que é o Rio de Janeiro da virada do século XIX para o século XX. Histórica e socialmente tal momento é marcado pela abolição da escravatura no ano de 1888, a Proclamação da República em 1889 e uma reconfiguração urbanística na cidade do Rio de Janeiro a partir de 1904 com o engenheiro e prefeito Pereira Passos, onde a população negra que acabou de ser liberta com o fim da escravidão, é colocada à margem da sociedade. Portanto, estes serão os aspectos que o presente artigo se perpassará, se utilizando de uma literatura para fazer uma análise histórico-social do começo do século XX na capital federal da nova República que nasce.

Palavras-chave: Lima Barreto; literatura; Clara dos Anjos; Isaiás Caminha; Rio de Janeiro; Subúrbio.

Abstract: This article aims to analyze the work of Lima Barreto *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* and the short story *Clara dos Anjos*, by the same author. The perspective of these two writings aims to demonstrate how racial issues are within Lima Barreto's literary collection, taking into account his personal life and, above all, the context in which this author inserted, which is Rio de Janeiro at the turn of the century XIX to the XX century. Historically and socially, this moment is marked by the abolition of slavery in 1888, the Proclamation of the Republic in 1889 and an urban reconfiguration in the city of Rio de Janeiro from 1904 onwards with the engineer and mayor Pereira Passos, where the black population that ended up after being freed with the end of slavery, she is placed on the margins of society. Therefore, these will be the aspects that this article will cover, using literature to carry out a historical-social analysis of the beginning of the 20th century in the federal capital of the new Republic that was born.

Key-words: Lima Barreto; Literatura; Clara dos Anjos; Isaiás Caminha; Rio de Janeiro; Subúrbio.

INTRODUÇÃO.

Para se pensar quem foi Lima Barreto (1881 – 1922) e como sua vida e obra dialogam com a questão racial no Brasil do começo do século XX, não podemos silenciar e não jogar luz sobre o seu contexto histórico e social. Se olharmos para o seu período histórico, o autor de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* vive a transição do final do século XIX para o início do século XX, na cidade do Rio de Janeiro. Acerca deste momento, temos de notar dois acontecimentos fundamentais: a abolição da escravidão em 1888 e a Proclamação da República em 1889. Ambos os fatos influenciam diretamente a vida e as obras de Lima.

Com relação à abolição da escravidão no Brasil no ano de 1888 (fato que nos interessa mais por conta do aspecto racial que será tratado neste artigo), este momento histórico é essencial para Lima Barreto, já que o filho de uma professora negra com um tipógrafo negro, irá viver e recordar o que foi a cidade do Rio de Janeiro no dia 13 de maio de 1888, segundo palavras de Lília Schwarcz e do próprio literato.

Distante da memória do cativo, o menino não deixou de se contaminar, porém, com a alegria que tomou as ruas do Rio: não havia mais escravos no Brasil e a liberdade era agora de todos. Continua ele: “Era bom saber se a alegria que trouxe à cidade a lei da abolição foi geral pelo país. Havia de ser, porque já tinha entrado na consciência de todos a injustiça originária da escravidão. Quando fui para o colégio, um colégio público, à rua do Rezende, a alegria entre a criançada era grande. Nós não sabíamos o alcance da lei, mas a alegria ambiente nos tinha tomado [...]”. (SCHWARCZ, 2017, p.61-62)¹.

Fato é que o fim do regime escravista experienciado pelo autor de *Clara dos Anjos* será uma desilusão, já que não foi cumprida nenhuma promessa de inserção dos ex escravizados na sociedade brasileira e o tempo foi passando e todas as esperanças que a Lei Áurea trouxe para a população de cativos foram sendo atropeladas, segundo a visão de Lima.

O imprevisto mais parecia um encontro marcado; a esperança virava ceticismo, e Lima não lembra mais aquele menino curioso e de braço dado com seu pai. Ao contrário, o tempo, em vez de bom amigo,

¹ SCHWARCZ, Lília Moritz. Lima Barreto: triste visionário / Lília Moritz Schwarcz. – 1º ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

virava uma espécie de “inimigo” e atropelava as esperanças da época da Lei Áurea. Nada de milagres ou tesouros enterrados. E conclui: “E assim se faz a vida, com desalentos e esperanças, com recordações e saudades, com tolices e coisas sensatas, com baixeiras e grandezas, à espera da morte, da doce morte, padroeira dos aflitos e desesperados...”. (SCHWARCZ, 2017, p. 69)².

Fato é que o fim da escravidão e do império harmonizaram as relações entre o velho e o novo nesta sociedade republicana que surgia³ e, junto disto, nenhuma instituição deste período, seja ela Estado ou Igreja, chamou o ex-escravizado para participar política e socialmente deste novo período pós-abolição⁴. A nova República, portanto, ainda mantinha ainda a feição oligárquica e elitista⁵. Dentro desta perspectiva, o fim da escravização de pessoas negras no Brasil e suas consequências para a recém-população liberta, vivenciado pelo objeto de pesquisa deste artigo, na virada do século XIX para o XX, será crucial também para o seu entendimento enquanto homem negro que passou grande parte da vida morando no subúrbio carioca. Dentro disto, de acordo como Lília Schwarcz na introdução do livro *Contos completos de Lima Barreto*, a literatura de Lima tem um claro ressentimento e crítica com relação ao contexto em que o autor está inserido dando vazão a temas como a cor da pele e a exclusão social, latentes neste período da nascente república:

Não por coincidência, a literatura de Lima Barreto por um claro “ressentimento”, dando vazão a temas como cor e exclusão, corporalidade e discriminação, divisões sociais e hipocrisias científicas [...]. Além do mais, sua definição como escritor negro perpassará a obra como um todo. Cada personagem tem sua cor detidamente definida, temas de exclusão social farão parte do dia a dia, frustrações e decepções estarão na lógica que constitui as narrativas. (SCHWARCZ, 2010, p. 20)⁶.

A questão espacial e geográfica juntamente com os aspectos já citados acima é essencial também na obra barretiana, pelo fato de que além dos personagens de Lima serem muito bem representados fisicamente, a sua

² Ibidem, p. 69.

³ GILENO, Carlos Henrique. Lima Barreto e a condição do negro e do mulato na Primeira República (1889 – 1903) / Carlos Henrique Gileno. Campinas, SP: [s.n.], 1997, p. 21.

⁴ Ibidem, p. 32.

⁵ BARRETO, Lima, 1881 – 1922: Contos completos / Lima Barreto; organização e introdução Lília Moritz Schwarcz. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

⁶ BARRETO, Lima, 1881 – 1922: Contos completos / Lima Barreto; organização e introdução Lília Moritz Schwarcz. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

representação espacial dentro do subúrbio carioca ocorre da mesma maneira. Este ponto é muito bem colocado pelo autor em seu conto *Clara dos Anjos* e na obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, reiterando que em ambos os escritos a questão racial dialoga com a geografia carioca do período. Não podemos esquecer que estes textos e escritos se inserem em um contexto social de reorganização da cidade do Rio de Janeiro com as reformas urbanas do prefeito Pereira Passos, nos anos de 1903 e 1904. Segundo Lília Moritz Schwarcz, no capítulo *Central do Brasil: uma linha simbólica que separa e une subúrbios e centro*, no livro *Lima Barreto: Triste Visionário*

Francisco Pereira Passos, que atuou como prefeito no Rio de Janeiro entre os anos de 1903 e 1906, foi o principal executor de um plano urbanístico de grandes dimensões que acabaria por mudar a paisagem da capital do país e de seu entorno. Se certas elites se transferiram para os arredores próximos do centro, os subúrbios foram sendo aos poucos dominados por um contingente formado de pobres, e sobretudo afro-brasileiros – alguns deles saídos havia pouco do sistema escravista –, trabalhadores nacionais e imigrantes, funcionários públicos de médio e baixo escalão. (SCHWARCZ, 2017, p. 166-67)⁷

Portanto, dentro de todo este espectro, nesta breve introdução, podemos notar que a obra de Lima Barreto perpassa por suas questões raciais e pessoais, pela sua vivência com relação ao fim da escravidão e como isto reforça o seu entendimento enquanto um homem negro no começo do século XX e como a nova organização urbana do Rio de Janeiro neste momento histórico amarra todas estas condições e construções sociais e raciais. Ambas as obras que serão trabalhadas (*Recordações do Escrivão Isaías Caminha* e *Clara dos Anjos*) sintetizam e exemplificam estes aspectos na forma de ficção, mas que de alguma maneira esbarra na própria vida de Lima Barreto.

RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA.

A obra *Recordações do escrivão Isaías Caminha* é de fundamental importância para inúmeras questões na vida do escritor Lima Barreto, como já mencionado na introdução. Além de sua crítica desvelada à imprensa carioca do

⁷ SCHWARCZ, Lília Moritz. Lima Barreto: triste visionário / Lília Moritz Schwarcz. – 1º ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

começo do século XX, este livro marca a entrada do autor no campo literário daquele período e escancara como as questões raciais perpassaram por seus escritos e pelas vivências do meio urbano carioca:

O romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* marcou inegavelmente o ingresso de Lima Barreto no cenário intelectual brasileiro da época. Independente do número de exemplares que conseguiu vender, o livro sacudiu a poeira acumulada sobre a suposta reputação de literatos e homens da imprensa carioca do início do século. Narrando a trajetória fracassada do jovem mulato Isaías, que não consegue entrar no mundo das letras – não por ser desprovidos de méritos, mas porque devido à cor de sua pele vê-se impedido de mostrar suas qualidades [...] (BOTELHO, Denilson, p. 1, 2005).⁸

Publicado no ano de 1909, este livro de Lima se enquadra dentro de suas características de fazer uma literatura tida como militante, sobretudo se pensarmos na questão racial daquele período pós abolição⁹. Esta obra é quase que toda dotada de um aspecto realista e autobiográfico de seu autor, mas também dentro de uma fonte para a história social da época em que é retratada:

As *Recordações* são fonte rica de dados para a história social e cultural do Rio de Janeiro no começo do século XX. A condição do mestiço humilde, interiorano, depois suburbano, e os seus percalços para interrogar-se na vida da capital que se modernizava a passos largos; a rotina do jornal onde achou emprego, com toda a sua galeria de subserviência que se respirava na imprensa e nos círculos literários da *belle époque* carioca – tudo são índices de valor documental que interessam de perto ao historiador das mentalidades de nossa República Velha.¹⁰

Este aspecto autobiográfico da obra nos é revelado também, pois Lima Barreto, através da voz de Isaías Caminha, mostra o drama de uma pessoa negra que tem pretensões para a ascensão social, mas quando chega no meio urbano do Rio de Janeiro do começo do século XX tem esta ambição interrompida. Portanto, a certa altura a fronteira entre ficção e análise da realidade tornam-se móveis e de difícil fixação¹¹. Se olharmos para a figura de Isaías neste aspecto de pretensão a ascensão social, principalmente pela sua inteligência, já vemos no primeiro capítulo que ele se pretende a este

⁸ BOTELHO, Denilson. Como ser jornalista no Rio de Janeiro do século XX: o caso de Lima Barreto. Intercom. Rio de Janeiro. Setembro, 2005.

⁹ GILENO, Caio Henrique. Lima Barreto e a condição do negro e do mulato na Primeira República (1889 – 1930). p 72 – 73. Campinas, 1997.

¹⁰ BARRETO, Lima, 1881 – 1922. *Recordações do escrivão Isaías Caminha* / Lima Barreto; introdução Alfredo Bosi; prefácio de Francisco de Assis Barbosa, notas de Isabel Lustosa. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010, p. 10.

¹¹ *Ibidem*, p. 14.

crescimento muito por conta de seu pai, um homem branco e inteligente, mas esbarra na figura de sua mãe, uma mulher mestiça

Meu pai, que era fortemente inteligente e ilustrado, em começo, na minha primeira infância, estimulou-me pela obscuridade de suas exortações [...]. O espetáculo de saber do meu pai, realçado pela ignorância de minha mãe e de outros parentes dela, surgiu aos meus olhos de criança, como um deslumbramento [...]. Se minha mãe parecia triste e humilde – pensava eu naquele momento – era porque não sabia, como meu pai, dizer os nomes das estrelas do céu e explicar a natureza da chuva¹².

O próprio personagem principal se coloca como uma pessoa estudiosa e com quase uma certeza sobre a sua glória futura, com sua mente conversando consigo: “Todas as manhãs, ao acordar-me, ainda com o espírito acariciado pelos nevoentos sonhos de bom agouro, a sibila me diz ao ouvido: ‘Vai, Isaías! Vai!... Isto aqui não te basta... Vai para o Rio!’”¹³. Porém, toda esta ambição do personagem principal de *Recordações* esbarrará em uma cidade do Rio de Janeiro, a qual foi vivenciada por Lima Barreto e caracterizada nesta obra, através da marginalização de pessoas negras ou mestiças, sobretudo, vindas das regiões interioranas. A experiência de Isaías dentro de um vagão de trem indo em direção ao meio urbano carioca já é descrita por Barreto como algo ruim:

Como se demorassem em trazer-me o troco reclamei: “Oh!, fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. “Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo?” Ao mesmo tempo ao meu lado, um rapazola alourado reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram mais cresceu a minha indignação. Curti durante segundos uma raiva muda, e por pouco ela não rebentou em pranto. Trôpego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos [...]. Os meus dezenove anos eram sadios e poupados, e o meu corpo regularmente talhado. Tinha os ombros largos e os membros ágeis e elásticos. As minhas mãos fidalgas, com dedos afilados e esguios, eram herança de minha mãe, que as tinha tão valentemente bonitas que se mantiveram assim, apesar do trabalho manual a que a sua condição a obrigava. Mesmo de rosto, se bem que os meus traços não fossem extraordinariamente regulares, eu não era hediondo e repugnante. Tinha-o perfeitamente oval, e a tez de cor pronunciadamente azeitonada¹⁴.

¹² Ibidem, p. 67 – 68.

¹³ Ibidem, p. 69.

¹⁴ Ibidem, p. 80.

Dentro desta perspectiva, se faz interessante notar como Lima Barreto flagrou como poucos o momento em que o Rio de Janeiro se fez metrópole, em um momento de reformas conservadoras e excludentes (este fator será debatido mais a frente)¹⁵, fazendo se refletir de maneira clara na vida de seu personagem Isaías Caminha, na obra *Recordações*. Isto pelo fato de que o próprio personagem principal do livro, um homem que reconhece que tem uma pele “pronunciadamente azeitonada”, se depara com a realidade do Rio de Janeiro daquele período e se vê só na cidade grande:

Vinham-me então os terrores sombrios da falta de dinheiro, da falta absoluta. Voltava para o hotel taciturno, preocupado, cortado de angústias. Sentia-me só, só naquele grande e imenso formigueiro humano, só, sem parentes, sem amigos, sem conhecidos que uma desgraça pudesse fazer amigos¹⁶.

Todo este isolamento do nosso objeto de estudo neste recorte da obra *Recordações do escrivo Isaías Caminha* se entrelaça com um racismo engendrado na sociedade carioca do começo do século XX, momento muito caracterizado pelo pós abolição do ano de 1888 e da não inserção das pessoas negras nesta nova metrópole que surge como modernizadora. Juntando-se a isto, temos uma nova sociedade carioca a qual se vê enquanto importadora de estéticas europeias ou estadunidenses, deixando de lado um certo “brasileirismo”. Tudo isto se encaixa, pois Lima Barreto demonstrará como esta estrutura e este contexto histórico-social afeta diretamente toda uma opressão sofrida por Isaías Caminha ao longo de sua história, exemplo disto é o momento em que o personagem principal se encontra na delegacia de polícia devido a um assalto que ocorreu no hotel em que se hospedava e tem um choque entre suas origens suburbanas e a realidade da metrópole que surge com suas contradições:

- Raposo, vou sair: há alguma coisa?
- Nada, capitão Viveiros.
- E o caso do Jenikalé? Já apareceu o tal “mulatinho”?
Não tenho pejo em confessar hoje que quando me ouvi tratado assim, as lágrimas me vieram aos olhos. Eu saíra do colégio, vevera sempre num ambiente artificial de consideração, de respeito, de atenções

¹⁵ BELCHIOR, PEDRO. Tristes Subúrbios: Literatura, Cidade e Memória na experiência de Lima Barreto (1881 – 1922). Rio de Janeiro. Universidade Federal Fluminense Centro de Estudos Gerais Instituto de Ciências Humanas e Filosofia Departamento de História Programa de Pós-Graduação em História. Niterói. 2011. p. 10.

¹⁶ BARRETO, Lima, 1881 – 1922. *Recordações do escrivo Isaías Caminha* / Lima Barreto; introdução Alfredo Bosi; prefácio de Francisco de Assis Barbosa, notas de Isabel Lustosa. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010, p. 106.

comigo; a minha sensibilidade, portanto, estava cultivada e tinha uma delicadeza extrema que se juntava ao meu orgulho de inteligente e estudioso, para me dar não sei que exaltada representação de mim mesmo, espécie de homem diferente do que era na realidade, ente superior digno a quem um epíteto daqueles feria como uma bofetada [...]. Não sei a quem me compare, não sei mesmo se poderia ter sido inteiriço até o fim da vida; mas choro agora, choro hoje quando me lembro que uma palavra desprezível dessas não me torna a fazer chorar [...]. Essa reflexão, porém, não me confortava naquele tempo, porque sentia na baixeza do tratamento todo o desconhecimento das minhas qualidades, o julgamento anterior da minha personalidade que não queriam ouvir, sentir e examinar¹⁷

Todos estes aspectos que estão sendo debatidos dentro deste artigo acabam se resvalando também com a questão do embranquecimento existente no Brasil neste período histórico e criticado por Lima Barreto. O escritor era combativo quando o assunto era a teoria das raças neste contexto de debate científico da virada do século XIX para o XX¹⁸. Segundo esta teoria, que anda ao lado do embranquecimento da sociedade brasileira, através de miscigenação e da vinda de europeus para o Brasil, dentro de algumas décadas não haveria mais pessoas negras na sociedade brasileira. Estas questões que estão na ordem do dia daquele período e são criticadas por Lima Barreto, também aparecem na história de Isaías Caminha como forma de denúncia racial, sobretudo, em um trecho em que ele está falando do personagem Floc

Fazia a crônica literária, as crônicas teatrais dos espetáculos de todas as celebridades, as informações sobre a literatura e pintura, além do plantão semanal em que ajeitava frases lindamente literárias, dados da psicologia *chic*, as notícias de assassinatos perpetrados por soldados ébrios da rua de São Jorge, não esquecendo nunca de dizer que o “criminoso é o tipo acabado do criminoso nato, descrito pelo genial criminalista italiano Lombroso”. Ia a um banque diplomático. A sua entrada não perturbou a conversa.

- ... um moleque! – zurrou o Oliveira.
- De quem falas, Oliveira? – indagou o recém-chegado.
- Um mulato aí, um tal Andrade...
- Incomoda-te o que ele escreve?
- Com certeza, pois se chama o doutor Ricardo de pirata, de Barba-Roxa...
- Ora! Tu! Essa gente está condenada a desaparecer; a ciência já lhes lavrou a sentença...¹⁹.

¹⁷ Ibidem, p. 127 – 128.

¹⁸ SILVA, Raphael Frederico Acioli Moreira da. A “moléstia da cor”: a construção da identidade social de Lima Barreto (1881 – 1922) / Raphael Frederico Acioli Moreira da Silva – Campinas, SP: 2002, p. 14.

¹⁹ BARRETO, Lima, 1881 – 1922. Recordações do escrivão Isaías Caminha / Lima Barreto; introdução de Alfredo Bosi; prefácio de Francisco de Assis Barbosa; notas de Isabel Lustosa. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010, p. 188 – 189.

Todos estes pontos citados resvalam em uma questão social que já foi mencionada neste artigo e que está tanto na vida pessoal de Lima Barreto, como também em suas obras, principalmente, em *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. Este ponto são as reformas urbanas do prefeito e engenheiro Pereira Passos e que na obra ficcional de Isaías fica conhecida como Projeto dos Sapatos. Tais reformas ocorrem bem no começo do século XX, sobretudo, nos anos de 1903 e 1906, onde o objetivo do então prefeito do Rio de Janeiro era a modernização e europeização da então capital federal da nascente república brasileira. Porém, esta nova face do Rio de Janeiro, será restrita apenas para uma elite branca daquele momento, as populações de classe baixa e classe média-baixa, em que muitas pessoas acabaram de ser libertas da escravidão, vão ocupar os subúrbios cariocas e ficaram à margem da sociedade, como já dito anteriormente. Este subúrbio carioca será denominado por Lima Barreto como “refúgio dos infelizes” e terá sua atenção em seus escritos²⁰. Dentro das *Recordações*, o Projeto dos Sapatos, é uma forma literária e ficcional de Lima Barreto demonstrar o que foram as reformas de Pereira Passos

Aires d'Ávila chegou mesmo a escrever um artigo, mostrando a necessidade de ruas largas para diminuir a prostituição e o crime e desenvolver a inteligência nacional.

E os da frente, os cinco mil de cima, esforçavam-se por obter as medidas legislativas favoráveis à transformação da cidade e ao enriquecimento dos patrimônios respectivos com indenizações fabulosas e especulações sobre terrenos. Os Hausmanns pululavam. Projetavam-se avenidas; abriam-se nas plantas *squares*, delineavam-se palácios, e, como complemento, queriam também uma população catita, limpinha, elegante e branca: cocheiros irrepreensíveis, engraxates de libré, criadas louras, de olhos azuis, com o uniforme como se viam nos jornais de moda da Inglaterra. Foi esse estado de espírito que ditou o famoso projeto dos sapatos²¹.

O subúrbio também não será esquecido por Lima durante a escrita da história de Isaías Caminha, já que o próprio personagem principal parte desta região para o centro da cidade do Rio de Janeiro²². Junto disto, é descrito como

²⁰ BELCHIOR, PEDRO. Tristes Subúrbios: Literatura, Cidade e Memória na experiência de Lima Barreto (1881 – 1922). Rio de Janeiro. Universidade Federal Fluminense Centro de Estudos Gerais Instituto de Ciências Humanas e Filosofia Departamento de História Programa de Pós-Graduação em História. Niterói. 2011. p. 8 – 9.

²¹ BARRETO, Lima, 1881 – 1922. *Recordações do escrívão Isaías Caminha* / Lima Barreto; introdução de Alfredo Bosi; prefácio de Francisco de Assis Barbosa; notas de Isabel Lustosa. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010, p. 224.

²² O debate sobre o subúrbio será retomado mais a frente quando trataremos do conto *Clara dos Anjos*.

há uma segregação de cor entre o subúrbio e o novo centro da cidade modernizado e como esse local marginalizado é caracterizado

De longe, parece que toda essa gente pobre, que vemos por aí, vive separada, afastadas pelas nacionalidades ou pela cor; no palacete, todos se misturavam e se confundiam. Talvez não se amassem, mas viviam juntos, trocando presentes, protegendo-se, prestando-se mútuos serviços. Bastava, entretanto, que surgisse uma desinteligência para que os tratamentos desprezíveis estalassem de parte a parte [...] Admirava-me que essa gente pudesse viver, lutando contra a fome, contra a moléstia e contra a civilização; que tivesse energia para viver cercada de tantos males, de tantas privações e dificuldades. Não sei que estranha tenacidade a leva a viver e por que essa tenacidade é tanto mais forte quanto mais humilde e miserável²³.

Portanto, dentro de toda esta perspectiva descrita acima, podemos entender e perceber que a obra *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, de Lima Barreto, nos dá a dimensão e compreensão de como este autor através da ficção entende o que é o Rio de Janeiro do começo do século XX. Através desta escrita percebemos a visão do autor com relação àquela sociedade carioca em que a questão racial estava posta de maneira escancarada e, junto disto, como estes aspectos raciais dialogam com a dinâmica social da cidade e com políticas higienistas da época. Este último ponto é pontuado de maneira sucinta na descrição do subúrbio e como ocorre a marginalização de pessoas negras naquela sociedade, além de trechos da obra que perpassam em uma crítica as ações higienistas do estado brasileiro naquele período.

CLARA DOS ANJOS.

O segundo escrito que será utilizado neste artigo, como já mencionado anteriormente, é o conto *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto (1920). Antes de qualquer maior análise, não devemos nos esquecer que o autor carioca primeiramente publica o conto sobre Clara dos Anjos, em uma coletânea denominada *Histórias e Sonhos: contos*, neste mesmo ano de 1920. Postumamente é publicado o romance *Clara dos Anjos*, em formato de folhetim, nos anos de 1923 e 1924 (o livro propriamente dito será publicado no ano de 1948, vinte e seis anos após a morte do autor)²⁴. No conto *Clara dos Anjos*, Lima

²³ Ibidem, p. 241 – 242.

²⁴ NASCIMENTO, Amanda Silva do; BEZERRA, Antony Cardoso; SILVA, Marcus Vinícius Ferreira da. Clara dos Anjos, de Lima Barreto: O conto e o romance. Revista Encontros de Vista, Recife, 21, p. 107, jan./jun. 2018.

Barreto se utiliza de sua visão de mundo para descrever injustiças sociais de seu período, injustiças estas que passam também por questões de cunho racial, sobretudo, uma denúncia sobre o racismo brasileiro e o preconceito sobre o corpo da mulher mulata²⁵ (fato que será analisado mais a frente), e do espaço da cidade do Rio de Janeiro, assim como visto em *Recordações do escrivo Isaias Caminha* anteriormente. Isto tudo dentro de uma característica literária onde a obra ficcional de Lima se confunde com vivências

Lima Barreto acaba por transformar a história ficcional num rico registro histórico, que aponta disparidades sociais e preconceitos acentuados na sociedade carioca do período em que escreveu: uma verdadeira crítica que relata, por meio das personagens, provações análogas às que passara durante a vida. O autor faz questão de deixar explícitas as discrepâncias de tratamentos em diferentes níveis da sociedade²⁶.

Com relação a última frase da citação acima, já podemos usá-la como um norteamento para nossa análise do que é o conto *Clara dos Anjos*, já que uma das questões visíveis neste conto é o aspecto da diferenciação social entre a personagem principal, Clara dos Anjos, e o seu suposto amor Júlio Costa. Mesmo que ambos morem no subúrbio carioca, neste espaço de marginalização e exclusão da população pobre carioca do começo do século XX, a cor da pele de ambos os diferencia socialmente, e até mesmo no status daquele ambiente e esta será a chave deste conto e da denúncia/crítica de Lima Barreto.

O aspecto racial das personagens é um ponto central, pois além do fato da discrepância social que isto gera, como já citado acima, Lima Barreto se utiliza de descrições quase que minuciosas dos aspectos físicos dos sujeitos deste escrito

O carteiro era pardo-claro, mas com o cabelo ruim, como se diz; a mulher, porém, apesar de mais escura, tinha o cabelo liso. Na tez, a filha puxava o pai; e no cabelo, à mãe. Na estatura, ficara entre os dois. Joaquim era alto, bem alto, acima da média, ombros quadrados; a mãe, não sendo muito baixa, não alcançava a média, possuindo uma fisionomia miúda, mas regular, o que não acontecia com o marido que tinha o nariz grosso, quase chato. A filha, a Clara, tinha ficado em tudo entre os dois; média deles, era bem a filha de ambos [...]. Branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo, não

²⁵ BARRETO, Lima, 1881 – 1922. Contos Completos / Lima Barreto; organização e introdução Lília Moritz Schwarcz. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 43 – 44.

²⁶ NASCIMENTO, Amanda Silva do; BEZERRA, Antony Cardoso; SILVA, Marcus Vinícius Ferreira da. Clara dos Anjos, de Lima Barreto: O conto e o romance. Revista Encontros de Vista, Recife, 21, p. 109, jan./jun. 2018.

tinha as melenas denunciadoras, nem outro qualquer traço de capadócio²⁷.

Dentro disto é relevante analisar que Lima era o único escritor do período que se atentava e jogava luz para a questão da variação de cores das pessoas dentro do espaço do subúrbio carioca, sobretudo, em uma sociedade fluminense do começo do século XX, onde a figura da pessoa negra era extremamente estereotipada

A partir desse pretendo pequeno detalhe, a cor, é possível descobrir um escritor muito atento às variações em torno do tom de pele marrom e às especificidades de uma literatura impactada pelos temas e pelas cores sociais da população afrodescendente. Isso, numa época em que os personagens oriundos desses grupos, apareciam nos romances, ainda eram majoritariamente escravos ou, se tanto, remediados, quando não vilões. Naquela altura, já fazia mais de trinta anos que a Lei Áurea fora decretada e, mesmo assim, os estereótipos continuavam presentes²⁸.

Ainda sobre este recorte racial dentro do conto, o autor de *Clara dos Anjos*, nos coloca duas questões essenciais. O primeiro é quando o personagem Júlio Costa “branco, sardento, insignificante...”, que se tornará o “parceiro” de Clara, sexualiza o corpo da garota, uma jovem negra “[...] ninguém notou o olhar guloso que deitou para os seios empinados de Clara [...] Não deixava de devorar com os olhos os bamboleos de quadris de Clarinha”²⁹. O segundo ponto é quando em certo momento do conto Clara dos Anjos se questiona sobre o seu amor com Júlio Costa, pelo fato dela ser uma jovem negra e ele um homem branco, mesmo ambos dentro do subúrbio. Logo, podemos perceber que Lima Barreto coloca uma distinção racial e, conseqüentemente, de classe entre as personagens, mesmo ambas estando em um espaço marginalizado por aquela sociedade. Esta questão nos é exemplificado dentro do conto quando o autor nos apresenta as três irmãs de Júlio Costa

Mercedes, Adelaide e Maria Eugênia, eram esses os nomes, não suportariam de nenhuma forma Clara como cunhada, embora desprezassem soberbamente o irmão pelos seus maus costumes, pelo seu violão, pelos seus plebeus galos de briga e pela sua ignorância

²⁷ BARRETO, Lima, 1881 – 1922. Contos Completos / Lima Barreto; organização e introdução Lília Moritz Schwarcz. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 248.

²⁸ SCHWARCZ, Lília Moritz. Lima Barreto: triste visionário / Lília Moritz Schwarcz. – 1º ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 408 – 409.

²⁹ BARRETO, Lima, 1881 – 1922. Contos Completos / Lima Barreto; organização e introdução Lília Moritz Schwarcz. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 250 – 251.

crassa [...] Pequeno-burguesas, sem nenhuma fortuna, mas, devido à situação do pai e a terem frequentado escolas de certa importância, elas não admitiriam, para Clara, senão um destino: o de criada de servir³⁰.

Importante pensar também que o literato carioca demonstra bem neste conto algumas características do subúrbio carioca daquele período, questões que aparecem de maneira mais superficial nas *Recordações*. Neste caso, Lima falará sobre os bíblias, os quais eram cristãos protestantes que compunham a dinâmica social e religiosa do Rio de Janeiro, do começo do século XX. Dentro deste aspecto, notório também o fato da complexidade e da multiplicidade de crenças religiosas existentes entre as pessoas naquele espaço geográfico, já que dentro deste conto temos a feitiçaria, as religiões de matriz africana, o cristianismo protestante e o catolicismo, ambos se entrelaçando³¹. Outro espaço existente dentro do conto e que caracteriza o subúrbio carioca era a vendinha do “seu” Nascimento, onde, segundo este escrito de Lima, era um local muito frequentado por personagens típicos deste ambiente suburbano³². Portanto, esta breve descrição do subúrbio que Lima Barreto faz durante este conto nos mostra como era a dinâmica social de uma população pobre do Rio de Janeiro, majoritariamente negra e que acaba de ser liberta do regime de escravidão³³. Neste quesito vale ressaltar de como Lima Barreto, um morador do subúrbio carioca, tinha repulsa às elites suburbanas, as quais se sentiam superiores e no conto *Clara dos Anjos* o autor demonstra esta repulsa descrevendo a família de Júlio Costa como racista e com tons de superioridade³⁴. Portanto, como Lília Schwarcz coloca muito bem, Lima Barreto será o “romancista do subúrbio”:

De toda maneira, na construção de seus romances e personagens, Lima ia se tornando, e de maneira crescente, um “romancista suburbano”. Todos os Santos, Piedade, Engenho de Dentro, Quintino, Madureira, Méier, Cascadura, Engenho Novo... eram nomes de estações e bairros que introduziram nas tramas certa psicologia coletiva, compensando, de algum modo, bairros como Botafogo, nos

³⁰ BARRETO, Lima, 1881 – 1922. Contos Completos / Lima Barreto; organização e introdução Lília Moritz Schwarcz. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 252.

³¹ BARRETO, Lima, 1881 – 1922. Contos Completos / Lima Barreto; organização e introdução Lília Moritz Schwarcz. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

³² Ibidem.

³³ SCHWARCZ, Lília Moritz. Lima Barreto: triste visionário / Lília Moritz Schwarcz. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

³⁴ Ibidem.

quais Lima identificava a existência de uma espécie de quartel-general das “elites bovaristas”³⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Desta forma, como vimos ao longo de todo o artigo os escritos de Lima Barreto vão se resvalando com a sua vida pessoal, com questões raciais de seu período e, sobretudo, com o seu contexto histórico. Viver entre 1881 e 1922 foi muito significativo para o escritor, já que Lima tem a experiência de transitar entre um Brasil que se quer novo (com a instituição de um novo modelo político republicano e a abolição da escravidão), mas se mantém como o velho, principalmente, se pensarmos em uma questão de segregação da população negra carioca deste período, a qual acaba de sair da condição de escravizada e ocorre neste momento a manutenção do *status quo* da antiga oligarquia brasileira.

Como já citado anteriormente, o escopo de obras de Lima Barreto nos dá uma dimensão histórico-social do que foi o Rio de Janeiro do começo do século XX, cidade esta que se fez modernizada com reformas urbanas de inovação, mas que se colocou como segregacionista ao marginalizar e jogar a população negra para os subúrbios entre 1904 e 1906, com as ações do prefeito e engenheiro Pereira Passos. Sendo assim, o criador do personagem ficcional Isaías Caminha vivenciando estes aspectos joga luz sobre isto em suas obras ao denunciar, por exemplo, na própria obra *Recordações* como sair do subúrbio e ir para o centro do Rio de Janeiro neste contexto histórico poderia ser cruel.

As duas obras analisadas neste presente artigo (*Recordações do escrivo Isaías Caminha* e o conto *Clara dos Anjos*) são exemplos claros de como Lima Barreto trabalha o seu contexto histórico e social, juntamente com a sua vida pessoal, dentro de sua coletânea de escritos. Novamente em *Recordações* vimos como o autor de maneira descritiva e literária narra as dores de um jovem mestiço suburbano que se pretende a ascensão social esbarra em todas as dificuldades do que é o centro carioca no começo do século XX. Nesta obra, estas dificuldades se entrelaçam claramente como aspectos raciais daquele período e com momentos vivenciados por Lima Barreto em sua trajetória como

³⁵ Ibidem, p. 180 – 181.

literato (que se pretendia à ascensão dentro do seu campo de atuação) e homem negro de seu período, como já vimos anteriormente.

Com relação ao conto *Clara dos Anjos* pudemos perceber como Lima Barreto expressa nesta breve história um ponto crucial de seu período e de sua vida que é o subúrbio do Rio de Janeiro. Este ambiente é descrito com riqueza pelo autor já que é o seu espaço de crescimento pessoal e literário, sendo ele um escritor em transe, como nos relata Lília Schwarcz, ou seja, aquele escritor que transita pelo subúrbio e centro carioca para os relatar e caracterizar de maneira literária. A história de Clara dos Anjos passa também por uma questão central nas obras de Lima Barreto que é a cor da pele de suas personagens. Como já visto acima e referenciado com citação, os atores desta ficção barretiana tem a sua descrição física bem minuciosa feita pelo autor no sentido de ambientar e descrever como era a dinâmica do subúrbio carioca com relação as pessoas negras daquele tempo. Portanto, percebemos como *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* e o conto *Claras dos Anjos* se entrelaçam e fazem um jogo entre a vida pessoal de Lima Barreto, o ambiente político, história e social em que vive e as questões raciais do Rio de Janeiro do começo do século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Lima Barreto: triste visionário / Lília Moritz Schwarcz. – 1º ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BARRETO, Lima, 1881 – 1922. Contos completos / Lima Barreto; organização e introdução Lília Moritz Schwarcz. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BARRETO, Lima, 1881 – 1922. Recordações do escrivo Isaiás Caminha / Lima Barreto; introdução de Alfredo Bosi; prefácio de Francisco de Assis Barbosa; notas de Isabel Lustosa. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

CARVALHO, José Murilo de, 1939. *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi* / José Murilo de Carvalho. – 4º ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: O negro no imaginário das elites século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BELCHIOR, Pedro. *Tristes subúrbios: Literatura, cidade e memória em Lima Barreto (1881 – 1922)*. Niterói: UFF, 2011.

MORAES, Renata Figueiredo. *As festas da abolição: O 13 de Maio e seus significados no Rio de Janeiro (1888 – 1908)*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2012.

SILVA, João Gonçalves. *Pequenas, grandes, mínimas ideias: A construção da imagem do escritor nos diários de Lima Barreto*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

SILVA, Raphael F. Moreira. *A moléstia da cor: A construção da identidade social de Lima Barreto (1881 – 1920)*. Campinas: IFHC – UNICAMP. 2002.

BOTELHO, Denilson. “Como ser jornalista no Rio de Janeiro do início do século XX: O caso de Lima Barreto”. In: V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 5-9 set. 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Uerj, 2005.

DAMATO, Diva. “Negritude, negritudes”. *Revista através*, São Paulo, n. 1, 1983.

NASCIMENTO, Amanda Silva do; BEZERRA, Antony Cardoso; SILVA, Marcus Vinícius Ferreira da. Clara dos Anjos, de Lima Barreto: O conto e o romance. *Revista Encontros de Vista*, Recife, 21, p. 109, jan./jun. 2018.

GILENO, Caio Henrique. *Lima Barreto e a condição do negro e do mulato na Primeira República (1889 – 1930)*. Campinas, 1997.